

Álbum de Família

Álbum de Família

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Diego Guerra

Orientação: Profa. Dra. Martha Werneck

Rio de Janeiro, 2014



Introdução

Álbum de Família é um projeto multimídia que pode ser adaptado para instalação ou veículos impressos como este volume. A pesquisa se vale de um texto trágico, originalmente produzido para uma história em quadrinhos, que serve como argumento para a execução de pinturas de retrato. Estes não possuem a função expressa de imitar a realidade aparente, antes, buscam distorcê-la, criando uma mescla de retrato e personagem.

Com isso, o trabalho toca diversos campos da arte, tais como: dramaturgia, cinema, e ilustração, na tentativa de reivindicar o lugar da pintura no universo da arte contemporânea, num tempo de hibridismo e quando as fronteiras tornam-se cada vez mais dissolvidas.

O projeto pretende, por fim, lançar mão de fotografias, desenhos e pinturas para adaptar um roteiro ficcional, de nome Maria, que versa sobre a vida marginalizada nas favelas cariocas. Através dos retratos e de seu processo criativo, busca-se aqui uma amplificação da pintura que ressalta através do choque de mídias o que há de autônomo em sua linguagem.



História

Maria é uma mulher emblemática na comunidade do Pico, onde vive, servindo como exemplo maior de virtude e bondade aos moradores. Contudo, oculta uma vida privada marcada por crimes hediondos como o infanticídio de nove meninas na tentativa de gerar um filho homem. A criança é aguardada também por todos os discípulos da mulher que tecem ao redor da personagem uma mitologia corrompida e mórbida.

MARIA

ROTEIRO PARA H.Q.

6º TRATAMENTO – REVISÃO 21 /04/2014

Principais Personagens:

MARIA

Líder política e religiosa da comunidade, ela é vulgarmente conhecida como 'rainha'.

Características:

Mulher de meia idade, parda, muito fria e dominadora.

MARIA CREUSA

mãe, mentora e cúmplice de MARIA.

Características:

Setuagenária, branca, esperta e dissimulada.

TITO

TITO é o meio irmão de MARIA por parte de seu pai, RÉGIS.

Características:

Jovem de uns vinte anos, negro, autista; tem um olhar perdido e atitude frágil, apesar de ser muito forte.

PASTOR SÁVIO

O pastor age como um publicitário da imagem de MARIA no morro, ajudando a consolidar seu mito.

Características:

Homem de meia idade, pardo, fanático e escandaloso.

GLEYSOM

É um misto de pedreiro e artista plástico. Apesar de ser homossexual, vive com CÂNDIDA.

Características:

Homem de meia idade, branco, feio e inteligente.

CÂNDIDA

A principal antagonista de MARIA, é conhecida como 'macumbeira' porque promove e exercita uma crença já esquecida e rejeitada pela maioria dos moradores.

Características:

Mulher de meia idade, negra, com um olhar muito profundo e misterioso. É bastante realista e possui enorme senso de justiça.

DONA AGRIPINA

Mãe da personagem JENNIFER, é solteira e proprietária de um salão de beleza no morro. AGRIPINA é a principal amiga e fiel escudeira de MARIA.

Características:

Mulher de uns cinquenta anos, branca e corpulenta.

JENNIFER

Assim como CÂNDIDA, A pequena JENNIFER se opõe a figura de MARIA. Ela é a típica novinha do funk, sempre de short curtinho, exibindo seus cabelos loiros.

Características:

Jovem de quatorze anos, branca, muito enérgica.

Cap. 1 – Meninos de Barro

Seq. 1

PÉ DO MORRO, PLONGÊ, dois meninos apenas usando short brincam num valão. Leem-se pensamentos de GLEYSOM:

Gleysom (Em off.) – O povo é desmemoriado. O seu passado grita sem contornos. Todos os passados...

Os meninos continuam brincando. PLANO DETALHE de suas mãos colhendo uma espécie de barro no fundo do valão, com que preenchem os sacos plásticos.

Gleysom (Em off.) – Todos os dias erguemos os patamares do novo, vivemos a ruína de nossos passados confusos. Mas se o mundo já acabou e nem percebemos, isso é um convite pra continuarmos a construir o novo... Da nossa maneira. Não é assim que as flores e as outras belezas do mundo crescem, em cima até da própria merda?

1 / b

CORTA PARA FILA DO TELEFÉRICO, os mesmos meninos carregam sua carga de barro enquanto aguardam na fila. No meio do trajeto, encaram com espanto a estátua de MARIA no topo do morro. O QUADRO SE FECHA no rosto da imagem de pedra que representa uma mulher grávida.

Pastor Sávio (Em off.) – Maria, nossa rainha, traz hoje uma revelação para os irmãos. Maria, conta pra esse povo o que foi que a irmã viu.

Maria (Em off) – Pastor, eu vi o morro caindo nas mãos do mal. A “macumbaria” vencendo. As mulé tudo em pecado, cada varão abandonando a causa de Deus, deixando a sua casa, a sua família...

(Fim de Seq.)

Seq 2

CASA DE AGRIPINA, esta e sua filha JENNIFER, que está com a cabeça raspada, observam a T.V. como que hipnotizadas. Maria dá seu testemunho em um programa religioso da T.V. interna da favela.

Maria (CLOSE UP de Maria na T.V.) - Aí surgia um menino, saia de dentro de mim, ele era o filho do homem... Carregando uma barra de ferro, ele afastava o mal.

Pastor (T.V.) – Tá no Apocalipse, meus irmãozinhos! Tá no Apocalipse!...

T.V. mostra Maria sentada com uma postura solene, segurando o microfone. Ela se encontra pálida e com a gravidez já bem avançada; possui um aplique loiro bastante extravagante no cabelo.

(Fim de Seq.)

Seq 3.

ALTO DO MORRO, no portão do Barraco de Gleyssom, os mesmos meninos da Seq. 1 chamam por CÂNDIDA que está pendurando roupas na lage.

Meninos – Seu Gleyssô!

Menino 2 – Seu Gleyssô!

Menino 1 – Tia Candinhá!

Pausa.

Meninos (Batem palmas.) – Seu Gleyssô!

Cândida chega até o portão.

Cândida – Quê que foi? Quê que cês querem?

Menino 1 – Nós veio trazê o barro do seu Gleyssso, tia. Ele tá aí?

Cândida – Essa hora ele não tá, não. Deve tá almoçando lá no Joca ou tomando a cervejinha dele...

Menino 2 (Pedindo com a mão.) – Mas tu pode pagá a gente, tia?

Cândida – Ih, gente, n'ê assim, não! Pensando o quê!? Isso aí é o home que cuida, não vai lá pertubá ele, não!... Pode deixá aqui que mais tarde eu falo com ele.

Os meninos sobem as escadas com Cândida e ao chegarem deixam os sacos num canto.

Cândida – Tenho certeza que vocês não vão esquecer de voltar aqui amanhã pra pegá o dinheiro... (Noutro tom.) Ah, eu tenho uma coisa pra vocês!

Menino 1 (Empolgadíssimo.) – O que, tia? Eu quero!

Cândida – Doce!... Peraí que eu vô buscá... (Sai.)

Menino 1 – Oba!

Menino 2 belisca o amigo com violência.

Menino 1 (esfregando o braço) – Aiê!

Menino 2 – Não era pra pedí doce, não, moleque! Tá maluco?

Menino 1 – Foi mal, viado!

Pausa.

Menino 2 – Bora? (Aponta para o galpão contíguo ao barracão de Gleyssom.)

Menino 1 – Demorô!

CORTA PARA COZINHA, Cândida procura o doce na geladeira.

CORTA PARA INTERIOR DO GALPÃO, PLONGÊ. Os meninos ficam encantados no meio do cômodo amplo e escuro repleto de esculturas. Estas são de variados tamanhos e algumas estão escondidas por panos úmidos. Há também prateleiras com materiais jogados, garrafas de bebida, etc.

Menino 1 (Extasiado) - Ca-ra-lhô, moleque!

Menino 2 (Desencapando uma escultura inacabada.) – Olha isso, olha essa aqui! É igualzinho o TITO!

Menino 1 – É mermo!

Pausa.

Menino 1 – Tu sabia que todo mundo que ele faz aqui é porque tá pra morrê?

Menino 2 – Ah, não fala merda, moleque! (Noutro tom.) Serinho?

Menino 1 – Na moral mermo!

Menino 2 – Mas quem que te contô isso?

Menino 1 (Em tom profético.) – Sei lá, pô, dizem aí... Mas, pô, meu tio faleceu no ano passado e eles mandaram fazê, só que, pô, foi tão rápido que parecia que já tava pronta, tá ligado?... Nós acha que a Cândida faz macumba pros outro morrê que aí eles vende a “estáltua”.

Entra Cândida com os doces na mão.

Cândida (Grita.) – Saí! Sai daí, Sai daí!

Depressa, os meninos entram no pano que protegia a escultura como se fingissem ser também uma das obras de Gleysson.

Cândida (Agarra os meninos pelo braço.) – Cês são uns sem-noção mermo! Não era pra entrá aqui, não! Pode Vazá!

3 / b

CORTE PARA PORTÃO DO BARRACO DE GLEYSSOM, os meninos estão sendo expulsos.

Cândida – Ia dá doce pra vocês, seus atentado, mas cês não tão merecendo, não!

Menino 2 (Intransigente.) – Ih, Tia! A gente não qué esses doce aí não que tá tudo “macumbado”!

Cândida (Esbravejando com a vassoura na mão!) – Ah... eu sei quem é que tá botando essas ideia na cabeça de vocês. Mas pode dizê que elas é que são as verdadeira bruxa dessa história!... Vai, some daqui logo que cês já me “empoteceram”!

Os meninos saem fazendo troça, apertando com as mãos o sexo e fazendo caretas, CLOSE UP final no rosto de Cândida, Lê-se um aviso no portão: “CENTRO MÃE CANDINHA, BUZIOS, CARTAS, UMBANDA.”

(Fim de Seq.)

Seq. 4

LAGE DO BARRACO DE MARIA. Esta tem seu cabelo natural, negro, e está seminua junto a caixa d’água. Maria acaba de alumbrar uma menina. Ouvem-se seus gritos:

Maria (Histérica.) – Mulé! Mulé! Outra vez mulé!...

Pausa.

CONTRA PLONGÊ de dentro da caixa d'água mostra que Maria afoga a recém-nascida.

Maria (Gritando.) - Esse retardado não é homem suficiente pra me dá um filho macho. Um filho homem!

Pausa.

Maria – Ah, mas tu vai pagá! Ó, Tito!!! Ó, Tito!!!

4 / b

CORTE PARA CÔMODO INFERIOR DO BARRACO, MARIA CREUSA está abrindo um portão e ajudando Tito a escapar.

M. Creusa – Shhhhhhhh! Fica quietinho.

Pausa.

M. Creusa - Agora pode ir, vai!... Que é que cê tá me olhando? Vai!

Tito detém-se por alguns instantes, olha no sentido dos gritos e finalmente dispara em direção à rua.

Maria (Em off.) – Não adianta se escondê, não!

M. Creusa (Grita do portão.) - Minha filha, ele foi pra rua... Fugiu de novo!

Maria aperta a cabeça com as duas mãos em sinal de ódio. CORTA PARA PLANO MAIS FECHADO da caixa d'água que deve ser representada valorizando o contorno esférico do bocal com o corpo do bebê boiando.

(Fim de Seq.)

Seq. 5

BARRACO DE GLEYSSOM, Este está esculpindo um retrato de Tito ao vivo. Cândida os observa com expressão de injuriada, com a mão no queixo, sentada.

Cândida – ...Gleyso!

Gleyssom – Dinha?!

Cândida – Tu acha que a mãe dele vai gostá... dessa palhaçada?...

Abre teu olho, Gleyso!

Gleyssom – Mas olha só que busto, Cândida! E que os olhos!... Coisa incrível!

Cândida – Busto?! Sei muito bem que tu tem um fraco pelo anjinho aí. Quem te conhece que te compre!...Depois vai sobrá é pra mim porque eu é que sô a mau elemento dessa paradinha.

Pausa.

Cândida – ...A macumbeira, a ladra de home, a trambiqueira, a isso, a aquilo!...

Gleysom continua seu trabalho tranquilo.

Corte para PLANO GERAL, panorama do morro à noite.

NUMA VALA, porcos aparecem comendo uma carniça que não se pode identificar.

(Fim de Seq.)

Cap. 2 – Mulheres de Carne

Seq. 1

INTERIOR DO BARRACO DE MARIA. A mãe de Maria, MARIA CREUSA, está desfiando o bordado da roupinha de menino enquanto sua filha se arruma.

M. Creusa (Em off.) – Já é a nona menina que morre. A coisa tá feia mesmo!... Quantas ainda vão morrer? ...Já disse, já disse: nessa família só sai menina, não sai homem... Homem não sai.

Maria (Ignorando a mãe, penteia os cabelos em frente ao espelho com alguma dificuldade.) – Se eles não me entregarem o garoto por bem eu armo o maior barraco lá na Cândida! Quem ela pensa que é? Que é a mãe do Tito? Que o filho ainda é dela?

CLOSE UP da fotografia de RÉGIS, pai de Maria.

M. Creusa (Em off.) – Seu pai que era assim... Igual você. Genioooooo!... Queria filho homem. Tanto queria que não guentô as ponta e fez esse pretinho aí com a macumbeira da Cândida... Contra feitiço, minha filha, ninguém pode...

PLANO DETALHE das mãos de M. Creusa desfazendo a costura.

M. Creusa (Evocativa.) – Eu já fui que nem tu, mas matá nunca matei. Se bem que tive vontade. (PLANO DETALHE de sua boca.) Eu teria te matado na primeira oportunidade.

Pausa.

M. Creusa. (Tranquila.) - Te criava à contragosto, não queria te mostrá pro Régis, mas no fim o safado acabou gostando da ideia; não como filha, mas como mulé....

Pausa.

M. Creusa. (Decisiva.) Tu devia ir mesmo lá na macumbeira, saber se a alma dele tá bem.

Maria (Terminando de se arrumar) – Só vô lá pelo Tito porque eu não tenho assunto com aquela preta suja que além de tudo não tem Deus!

M. Creusa –...Preta... mas foi ela que conseguiu gerá um filho macho pro Régis. E você não se iluda que branca mermo, só eu. Tu é “meia” preta, tem metade do sangue preto do Régis.

CLOSE UP na fotografia de Régis.

M. Creusa – Que Deus o tenha! (Persigna-se.)

Maria sai.

(Fim de Seq.)

Seq. 2

SALÃO DE BELEZA DE AGRIPINA. Jennifer penteia, seca e agita o cabelo, fazendo charme para sua imagem refletida no espelho. CLOSE UP em seu minúsculo short que ela ajusta. Por ultimo, retoca o batom e sai, sem dar aviso. Agripina abre a porta do salão com a bíblia debaixo do braço e grita:

Agripina – Ué? Tu não vai pra igreja não, é? Onde é que tu tá indo, criatura?

Jennifer – Tô saíno!... Vô lá encontrá c’á Juliana...

Agripina – Tu pagô as conta que eu te pedi?

Jennifer – Amanhã eu pago, mãe!!! (Noutro tom.) Tchau, mãe!

Agripina – Tá levando o celular carregado?!

(Sem obter resposta, Agripina entra novamente no salão.)

(Fim de Seq.)

Seq. 3

TERREIRO DE CÂNDIDA, noite, ao lado do barracão de Gleysom. Maria chama no portão. Cândida está totalmente caracterizada para a “gira”. O som dos atabaques permeia toda a cena. Cândida chega até o portão e se surpreende ao ver Maria.

Cândida – Tu!?

Maria – Escuta aqui, sua feiticeira, eu quero o meu filho aqui agora, se não eu...

Cândida – Tá me ameaçando, é, (Debochando.) Rainha?

Maria – Eu te tiro daqui do morro sim! E não preciso nem me esforçá muito porque ninguém gosta de você aqui. Vai chamá o Tito!

Cândida – Tu é mermo uma descompensada, Maria... O Tito nem aqui tá... E eu não minto: ele até teve aqui, mais cedo, mas eu não aprovo. É coisa do Gleysso...

Pausa.

Cândida – E tem mais, lembra que ele é meu filho, não é seu. Só que eu nunca quis criança nenhuma... ainda mais daquele jeito, tu sabe disso. Foi por isso que eu te dei.

Maria (Com serenidade falsa.) – Tem razão, o Tito não é meu filho porque ele é filho do teu pecado, do mal. Mas eu, minha filha, eu vou parir um filho santo que diferente do teu, num vai sê um fruto pecaminoso... Um filho que DEUS vai plantá aqui, ó! (Mostra a barriga.) Aqui dentro!

Maria sai.

3 / b

TERREIRO, quadro como um TRAVELLING das mãos que batem nos atabaques, PLANO MÉDIO da “gira” com os trabalhos começando. CORTA PARA INTERIOR DO GALPÃO DE GLEYSOM, Cândida entra rapidamente.

Gleysom (Desperta de seu transe habitual ao trabalhar.) – Que foi, Dinha?!

Cândida (Enchendo um copo de cachaça.) – Nada de mais, não: o povo chegando. (Bebe a cachaça em um só gole.) Tô indo lá pro terreiro...

(Cândida de repente repara na escultura que Gleyssom está fazendo e se assusta deixando cair e quebrar o copo. Ela mantém o olhar fixo na escultura.)

Gleyssom (Afeminado.) – Ai, Dinha, que horror! Quê que há? (Larga o trabalho e examina os cacos de vidro.) Agora vou ter que limpar tudo isso aqui!

Cândida permanece com o mesmo olhar para a escultura que se parece um bebê com dois corpos e uma cabeça.

(Fim de Seq.)

Seq. 4

PLANOS GERAIS MOSTRAM A ESTÁTUA DE MARIA E O TOPO DO MORRO pela manhã, seguido de PLANOS MAIS PRÓXIMOS do casario.

LAGE DE MARIA, CONTRA PLONGÊ de dentro da caixa d'água, muito similar a Seq. 4. / Cap.1, as mãos de Maria erguem um menino de uns nove anos como num batismo.

Maria – Pronto!

Pausa.

Maria – Vem tu agora, Matheus! Lavou essa tripinha seca aí?

Há apenas meninos espalhados pela lage, cada um com um problema mental ou físico em particular, três deles estão tomando banho de mangueira.

Menino menor – Tripinha nada! Eu tenho é um pauzão!

Menino maior (Debochando.) – Mentira, nem tem!

Menino menor – Fica quieto, ô manja-rola!

Maria – Shhhhhh! Cabô! Vâmo pará com essa besteira agora!

(Maria acolhe o Menino Menor que tem as mãos atrofiadas, ela começa a catar seus piolhos.)

Maria – Matheus, cê não tá usando o remédio que a tia deu não, é?

Menino maior (intrometendo-se) – Deve tá não tia, porque tava aí todo “cocento”!

Menino menor – Cala a boca! (Meigo.) Usei sim, tia...

Pausa.

Menino menor – Tia, por que que o Tito não tá aqui? Podia vim pra bincá c’agente!

Maria – Ele tá de “mal-criação”, não voltou pra casa desde ontem, mas eu tô esperando ele na curva do vento.

CLOSE UP no rosto crispado de Maria

Maria – É na curva do vento...

(Fim de Seq.)

Seq. 5

BARRACO DE AGRIPINA, PLANO MÉDIO da porta principal, ouve-se a Jennifer que esmurra a porta e toca desesperadamente a campainha.

Jennifer – Abre aí, mãe! Ó, manhê!!!

Dona Agripina – Ah, sua nojentinha! Agora? Agora que tu me chega?

Jennifer – Calma, mãe! É que...

Dona Agripina (Abre o tranco e a porta.) – “Calma mãe”? Onde é que tu tava metida? Tava de furduncio c’ar pirainha d’ar tuas amiga, né!?

Pausa.

Dona Agripina – Nem pra estudá, nem pra me ajudá aqui enquanto eu tô no salão! Eu fico me esfalfando nessa casa... Amanhã acabô essa palhaçada, ouviu?! Tu vai passá isso aqui, e não tem conversa de que não vai pra aula por causa de historinha de piolho.

Agripina lhe entrega um shampoo contra piolhos.

Dona Agripina (Em off.) – ...Foi a rainha que trouxe. Num sei como ela ainda tem boa vontade contigo, garota...

Jennifer – Eu lá quero presente daquela bruxa!

Jennifer lança a embalagem do shampoo na parede que ao se chocar estoura, fazendo uma pequena sujeira.

Dona Agripina (Subitamente enfurecida) – Vem cá! Agora é que eu vou partir a tua cara! (Corre atrás de Jennifer pelo barraco.)

As duas se atacam por um momento, mas Jennifer escapa e desata a correr.

Dona Agripina – Não corre, não!

5 / b

BARRACO DE MARIA, Maria persegue Tito que acaba de chegar em casa.

Maria (em off) – Não corre, não que vai apanhá em dobro, ouviu!?

Ao alcançá-lo, Maria começa um espancamento bastante escandaloso.

Maria – Toma! Toma! Toma!

Pausa.

Maria (Espancando-o.) – Tu-não-vai-can-sá de fazê essa sacanagem comigo, não!?

Pausa.

Maria – É sacrifício em cima de sacrifício que eu faço por você! Você aqui tem tudo, tudo!... Ainda por cima tu é um frouxo! Nem pra me fazê um filho homem!

Tito é empurrado em cima de vários entulhos, provocando um estrondo sem tamanho.

(Fim de Seq.)

Sec. 6

CORTA PARA BARRACO DE AGRIPINA que cutuca Jennifer embaixo da cama, com uma vassoura.

Dona Agripina (Desconfiada.) – Tu não me saia daí que eu só vô vê o que tá acontecendo e já termino contigo!

CORTA PARA PLANO DE FORA DA CASA, apoiada no parapeito de sua janela, Agripina indaga ao vizinho:

Dona Agripina – Psiu! Fabinho!

Pausa.

Dona Agripina – Ó, Fabinhô!

Fabinho (Aparecendo na janela.) – Tudo bem, Dona Gripina?

Fabinho está à janela com uma criança de colo e dividem com ele este espaço outras quatro crianças de diferentes idades e tamanhos.

Dona Agripina – Esse fuzuê aí é na casa da Rainha, é?... (Fabinho, olha sem reação.) ...Tadinha, ela tem que educá o menino, o doentinho... Ainda cuida dos outro, mas é pro bem deles!

Maria (gritando em off) – Entra aqui agora, porra!

Fabinho – Pois é, não é mole, não! A senhora veja: eu com onze, indo pra doze, não dô conta. Imagine se fosse tudo retardado daquele jeito? Deus também às vez castiga, mas é pro melhor!

Jennifer (Aparece numa janela entre os dois e interrompe o diálogo.) – O Tito não tem nada de doente, nem de maluco!... Aquela vaca tá batendo no garoto é de ruindade mermo e ninguém faz nada!

Dona Agripina (Volta-se à filha, ainda mais alterada.) – Tu vai levá uma coça, tua endemoniada!

6/b

CORTA PARA INTERIOR DO QUARTO DE MARIA, a surra em Tito começa a abrandar.

Maria – Não faz essa cara não, seu puto! Fica igualzinho o puto do pai com essa cara...

Pausa.

Maria – ...Parece maluco... Parece até que gosta de apanhá!

Maria golpeia Tito com um chute e esse golpe se converte em um afago.

Maria – Tu gosta mermo disso, né, seu cachorrão!?

Debruçada em Tito, Maria começa a acariciá-lo e depois, a beijá-lo.

Maria – Vem cá, vem!...Isso!

Maria Creusa espia no vão da porta que está entreaberta e em seguida desce a mão até o sexo.

(Fim de Seq.)

Cap. 3 – A Mulher de Pedra

Seq. 1

INTERIOR DO BARRACO DE MARIA, Maria Creusa está bordando a roupinha de nenê masculina com muito decoro, quando em determinado momento fura o dedo. Plano Detalhe do pequeno sangramento. Ela chupa o Dedo e continua fiando com expressão tranquila.

Seq. 2

SALÃO DE BELEZA DE AGRIPINA, a ação acontece em silêncio, apenas lê-se a pregação do Pastor Sávio.

Pastor (Em off.) – Aleluia, irmãos!?

Duas cabeleireiras e um cabeleireiro travesti agarram Jennifer por trás, imobilizando-a na cadeira. Agripina abre uma gaveta, PLANO DETALHE de sua mão que pega uma tesoura, CLOSE UP do cabelo de Jennifer sendo cortado.

Pastor (Em off.) – O crente precisa ser trabalhado que nem barro, irmãos!

PLANO DETALHE das mechas que são recolhidas por Agripina .

Pastor (Em off.) – Ele é o vaso, o Senhor é o oleiro... E nisso, o crente sofre, irmãos! Ele é desbastado, amassado e remendado até ficá bão!

PLANO MÉDIO DO ESPELHO que reflete imagem de Jennifer sentada já com a cabeça totalmente raspada e sem forças. Ela ergue a cabeça e vê Maria sentada a seu lado, PLANO CONJUNTO. As duas se olham através do espelho, alinhadas lado a lado. Maria está ativa e Jennifer totalmente vencida.

(Fim de Seq.)

Seq. 3

IGREJA DO PASTOR SÁVIO, PLANO DETALHE de uma placa com a inscrição “IGREJA ARAUTOS DOS NOVOS TEMPOS”. Corta para INTERIOR DA IGREJA, mesmo culto da revelação que aparece na Seq. 2./ Cap. 1. Maria está com a gravidez avançada, com um aplique loiro no cabelo e bastante pálida. Fala ao microfone:

Maria – Pastor, eu vi o morro caindo nas mãos do mal. A “macumbaria” vencendo. As mulé tudo em pecado, cada varão abandonando a causa de Deus, deixando a sua casa, a sua família...

Corte para LAGE DE MARIA, mostra-se a caixa d’água aberta sob a luz da lua, todo o elemento do cenário novamente é suprimido valorizando o círculo do bocal da caixa d’água.

Maria (Em off.) – Aí surgia um menino, saia de dentro de mim, ele era o filho do homem... Carregando uma barra de ferro ele afastava o mal.

Aparece um vulto de um garoto que parece emergir da caixa d'água.

(Fim de Seq.)

Seq. 4

PLANOS GERAIS DA FAVELA pela manhã, mostram-se as pessoas nas ruas, as motos que transitam , crianças indo à escola, etc.

CORTA PARA PORTÃO DO BARRACO DE MARIA, uma fila enorme se forma e várias pessoas que admiram a santa vêm deixar uma prenda para o filho de Deus. M. Creusa atende a todos no portão.

M. Creusa – Obrigado. A paz do Senhor!

Pausa.

M. Creusa – Obrigado. A paz do Senhor!

Homem Velho – Paz do Siô

M. Creusa – A paz! Fica tudo com Deus!

Amontoam-se pilhas de sacos plásticos, pacotes de fraldas, etc. Há também uma faixa no local onde consta: “PARABÉNS RAINHA!”.

M. Creusa – Obrigado. A paz do Senhor!

(Fim de Seq.)

Seq. 5

TOPO DO MORRO, Gleysom começa a sua intervenção na estátua de pedra de Maria, ele está em um andaime na altura da barriga grávida da estátua. Munido com um punção e um martelo, ele começa a talhar na pedra.

NA SEQUÊNCIA DE TRÊS QUADROS LADO-A-LADO mostra-se que a barriga da estátua começa a adquirir uma nova forma à medida que Gleysom trabalha, e a mudança da luz evidencia a passagem do tempo.

Gleissom – O Deus de Pedra está morto, porque ele é feito de pedra.

5/b

PLANO MAIS FECHADO de Gleysom, trabalhando inteiramente absorto como se estivesse em transe.

Gleissom – Só um deus de pedra não tem pecados. Se ele fosse encarnado como a sua criação, não teria esses sonhos de perversão, de vaidade...

5/c

CORTE PARA INTERIOR DO BARRACO DE MARIA, Maria se levanta e perambula como sonâmbula pela casa. Maria Creusa está adormecida com o seu bordado completo em mãos.

CORTE PARA LAGE DO BARRACO DE MARIA, Maria entra na caixa d'água e começa a se esforçar para entrar em trabalho de parto.

5/e

CORTE PARA TOPO DO MORRO, CLOSE UP no rosto de Gleysom que expressa satisfação, como se desmaiasse, ele deixa suas ferramentas escaparem das mãos e o corpo pender, PLANO GERAL da estátua e do topo do morro, porém não se pode distinguir que tipo de intervenção foi feita por ele, por conta do efeito contraluz.

(Fim de Seq.)

Seq. 6

PLANO MÉDIO do BARRACO DE MARIA, parte externa do barraco.

Maria (Em off.) – Aaahhh!!!

CORTE PARA BANHEIRO, Maria Creusa entra no banheiro, abre a torneira, prepara-se para lavar o rosto quando ouve gritos. Sai apressadamente, deixando a torneira aberta. PLANO DETALHE da água fluindo.

CORTE PARA PLANO MÉDIO da parte externa do barraco, com a caixa d'água, janelas, fios e canos em evidência. Maria Creusa sobe as escadas com dificuldade até a lage.

M. Creusa – Maria!!!

Pausa.

LAGE DO BARRACO DE MARIA, Chegando à caixa d'água, M. Creusa tampa a boca com as mãos ao deparar-se com uma poça de sangue e sua filha completamente estirada, sem vida. M. Creusa luta para reanimá-la, sem sucesso. As únicas coisas desenhadas nesse Plano são a caixa d'água com M. Creusa ao lado de sua filha.

CORTE PARA PLANO DETALHE da água que flui da torneira deixada aberta, de repente o sangue de Maria começa a fluir.

(Fim de Seq.)

Seq. 7

RUAS DA FAVELA. Os moradores realizam uma enorme procissão onde o caixão de Maria é levado até a sua imagem no topo. Muitas pessoas choram e cada personagem importante aparece

em meio ao cortejo com uma reação específica. Uma das pessoas mais arrasadas é Dona Agripina.

CORTE PARA TOPO DO MORRO. Ao terminar o percurso todos se deparam com a estátua de pedra que sofreu uma enorme mudança: ao invés da original barriga de grávida, a figura da rainha do morro está segurando uma criança horrorosa que possui dois corpos e uma cabeça, trata-se da imagem de um bebê anômalo.

GRANDE PLANO GERAL da favela com a estátua soberana coroando o morro.

7/b

BARRACÃO DE GLEYSOM, PLANO EXTERNO E DEPOIS UM PLANO INTERNO. Gleysom está moldando um pedaço de barro na mão.

Entram os meninos da Seq. 1 Cap.1.

Menino 1 – Tio Gleyso, tá aqui os barro que o senhor pediu!

Os meninos dão-lhe os sacos plásticos enquanto olham curiosos para dentro do galpão.

Gleysom – Obrigado, meus filhos...

Entrega-lhes o dinheiro, entra e fecha a porta.

Dentro do galpão estão Jennifer e Tito. Mostra-se a nova escultura de Gleysom: um retrato destes dois que faz lembrar a figura de Adão e Eva.

(Fim de Seq.)

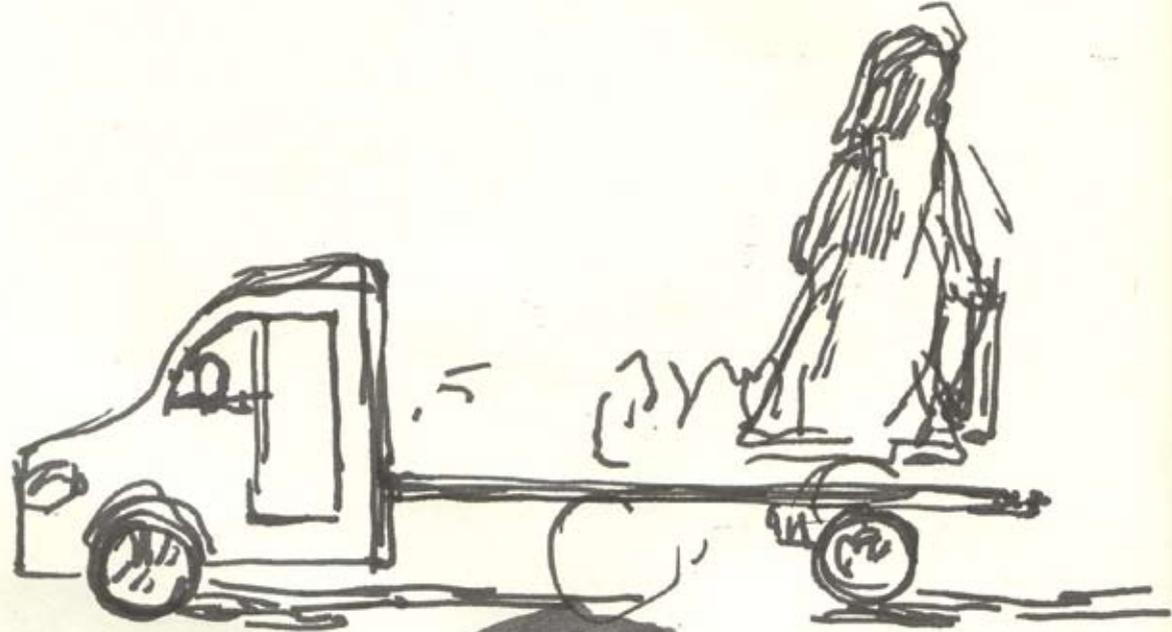
(Fim.)



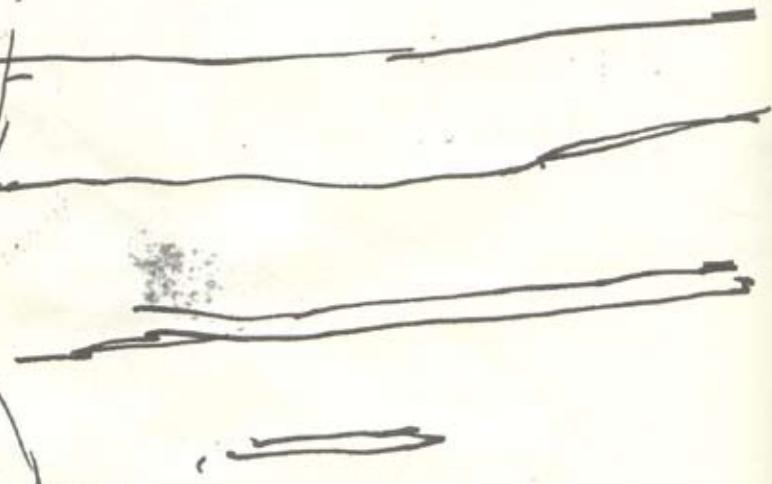
Primeiras Imagens

Estes primeiros estudos e rabiscos serviram de apoio durante o desenvolvimento do texto. Mais ou menos com a mesma função dos Concept Art, largamente utilizados em desenhos animados, quadrinhos e games.

Foi preciso, enquanto a trama era criada, visualizar previamente seus personagens e cenários, estabelecendo um clima e uma unidade visual. No entanto, estes desenhos não constituem os trabalhos finais, limitam-se ao texto, numa fase em que ainda era pensado como um roteiro para história em quadrinhos.







Jennifer

ola e
que
pam
dade,
ma
pende
vola

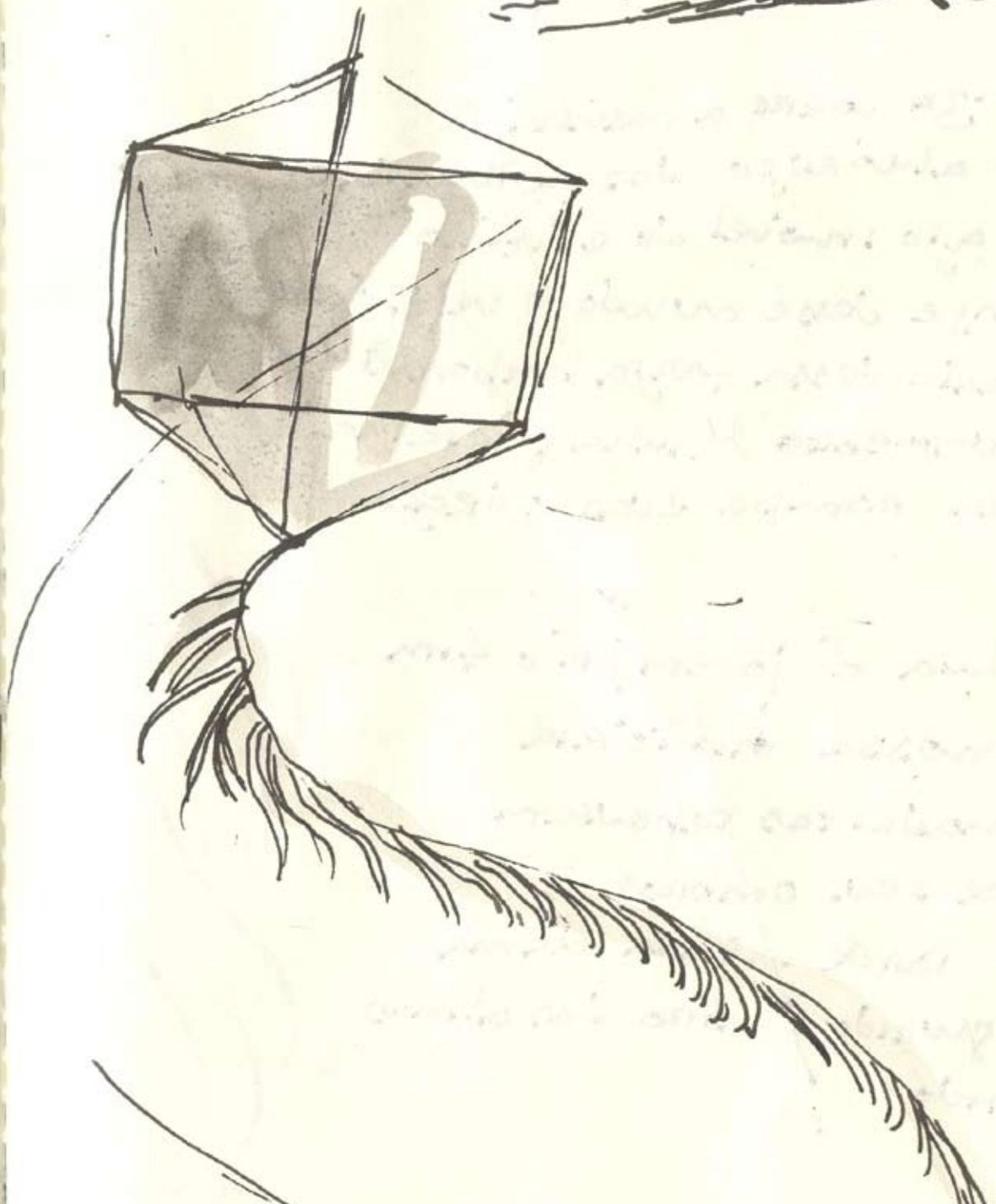
e paguê
ns querem
sua alma
suportam
'rendigo' de
reque ~~voto~~
rosos e usam
fato

de renda

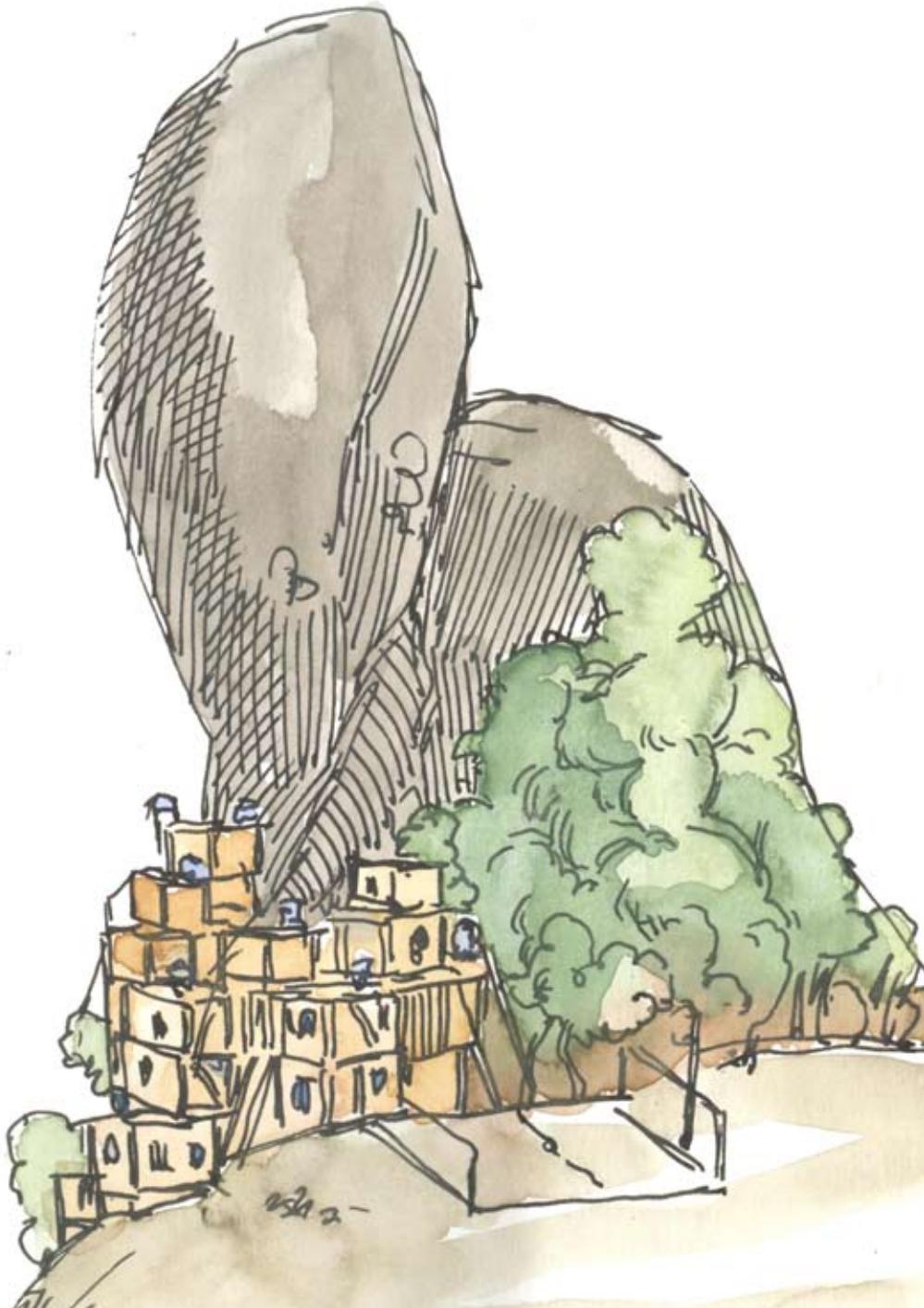




Geirinha do

















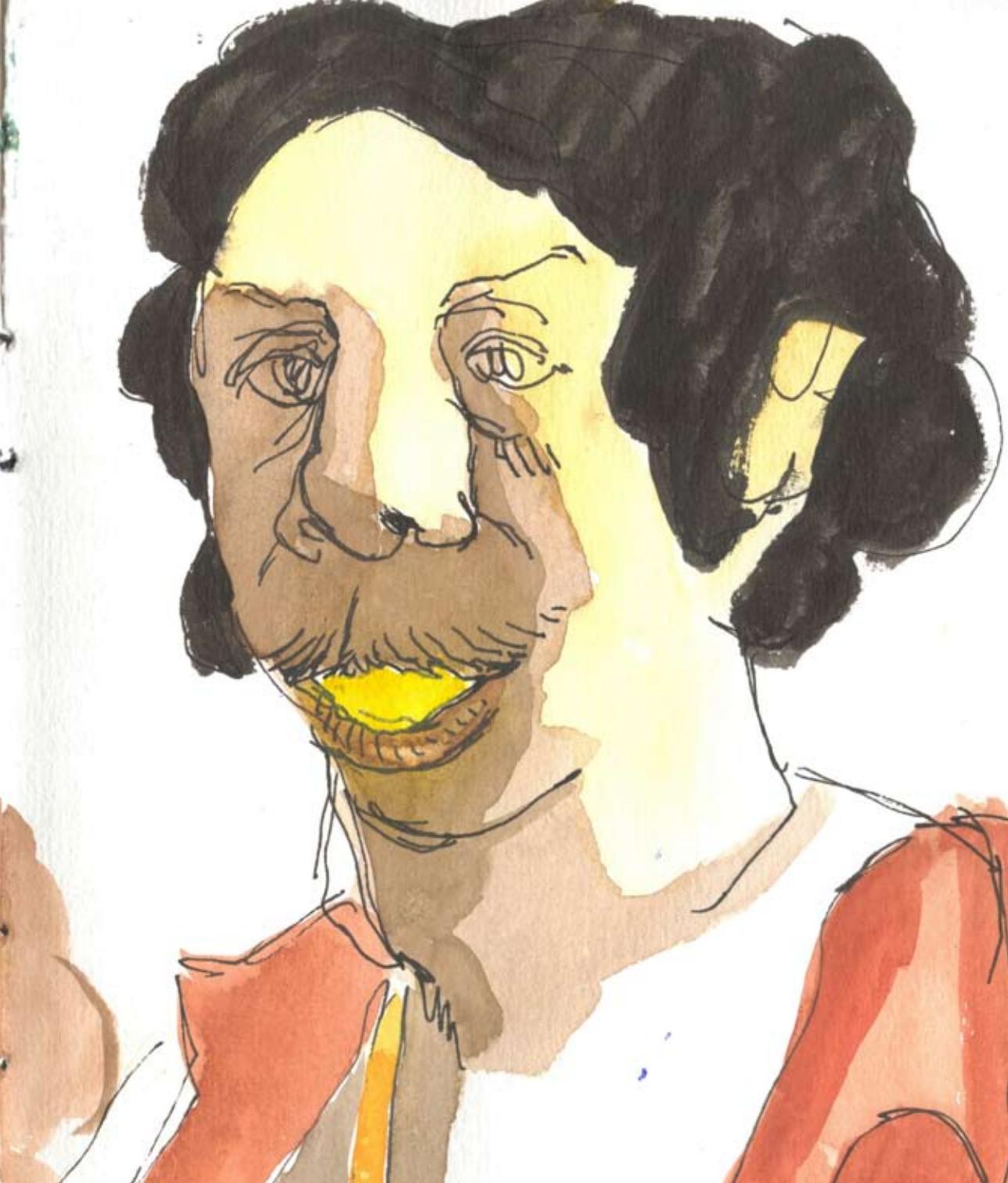




Mãe R. fina



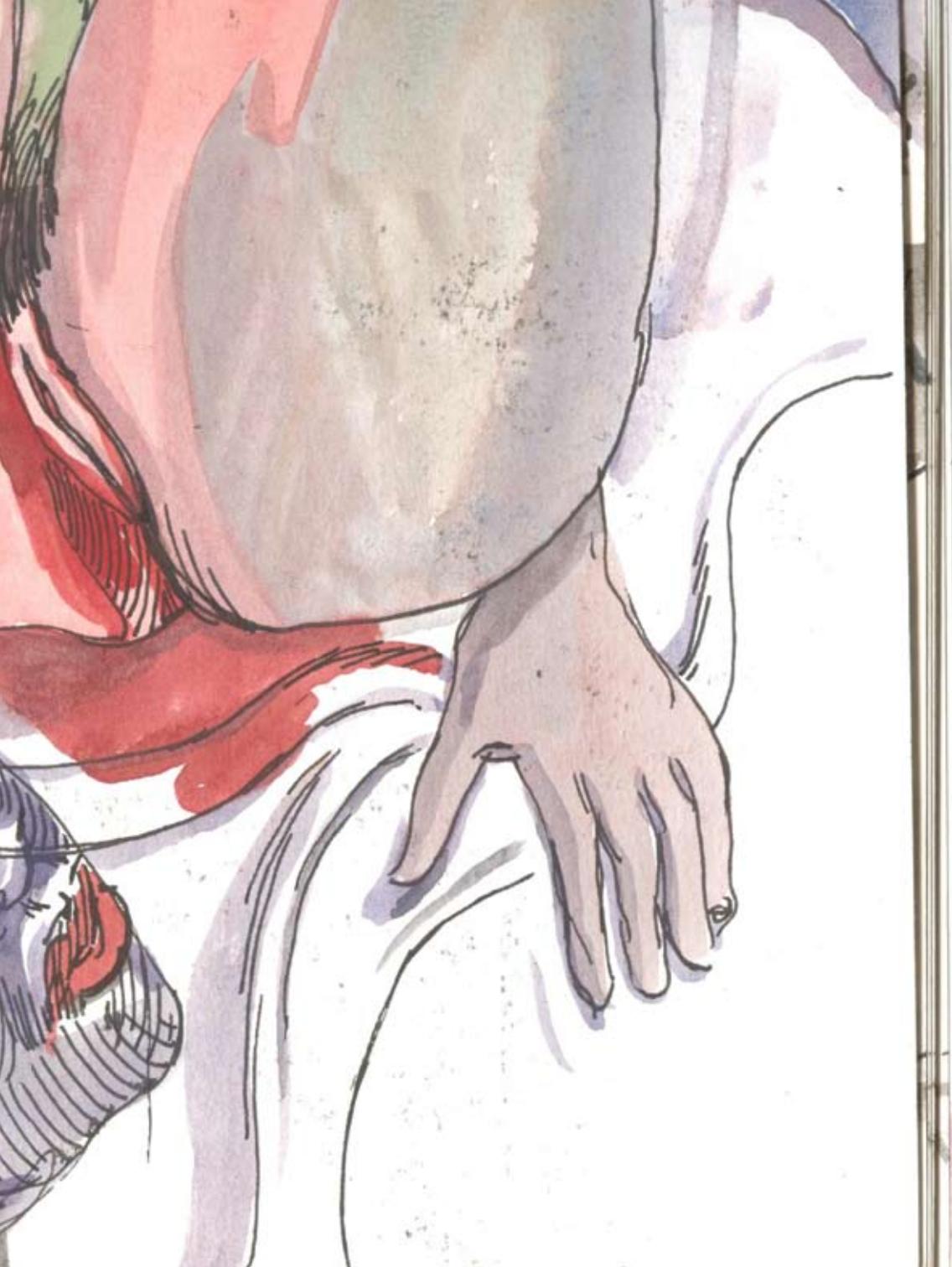














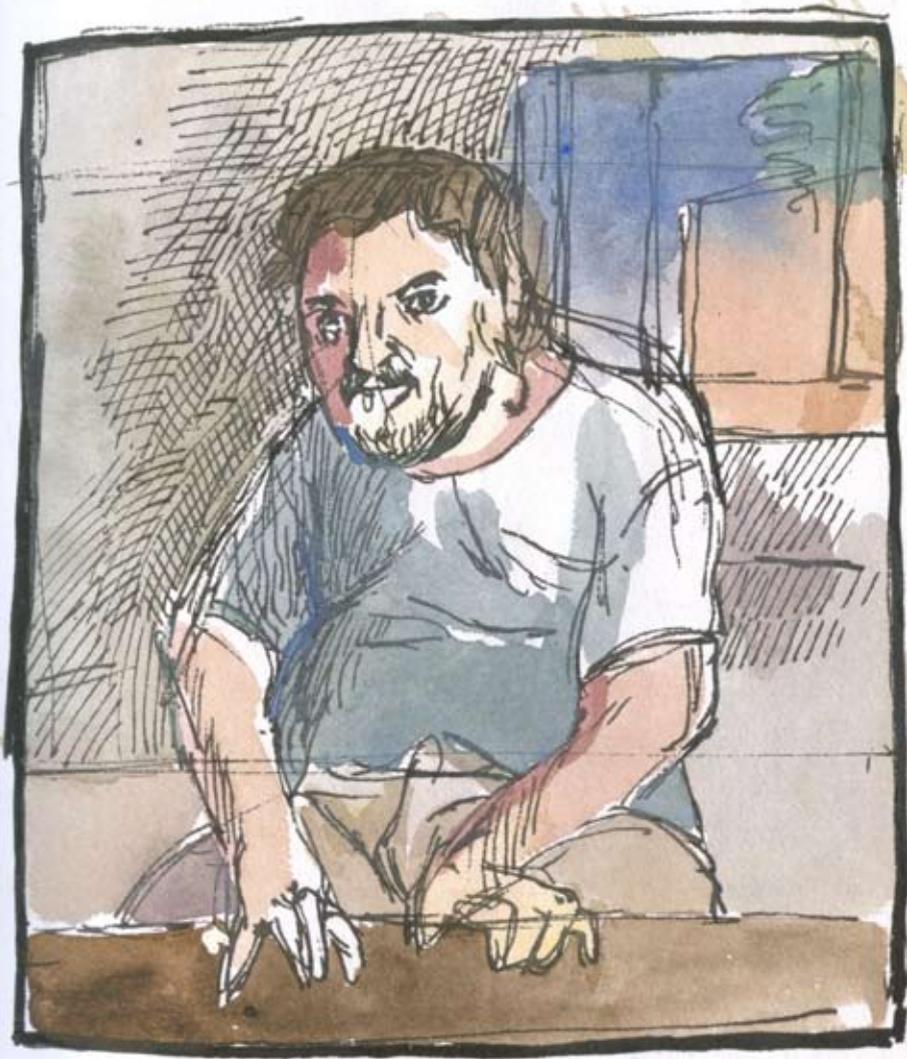




Desenvolvimento

O projeto toma início não tanto a partir do roteiro, que possui uma linguagem própria e está fechado em sequências, mas do argumento, que estabelece a atmosfera da história. Outro ponto de partida para o desenvolvimento dos trabalhos foram os próprios modelos: familiares e amigos do artista. Que possuíam alguma identificação, física ou psicológica, com os personagens pré-estabelecidos.

Esta etapa diferiu bastante de trabalhos como os Concept Art que vinha esboçando, pois aqui, os personagens não haviam sido designados pelo texto e para o texto. Ao invés disso, foram escolhidos, como numa seleção de elenco, entre pessoas reais. Este processo diverso admitia as imperfeições dos modelos em relação às indicações da história. Passei então a incorporar nesta o traço que cada indivíduo carregava, deixando o trabalho um pouco mais aberto para que a trama fosse “reescrita”.



T. To

Etapa - 1

Na primeira fase, organizei-me de forma a criar uma relação de quais seriam os personagens a serem retratados e quais seriam os modelos elegidos. Comecei pelos estudos de caderno ao vivo para arranjar a composição e a paleta de cores.

Estes estudos preliminares e as fotografias de referência representam uma parcela importante do trabalho, já que me interessava revelar o processo criativo. Igualmente, desejava experimentar outros meios, como áudio e vídeo, para registrar depoimentos e a minha relação com os modelos e seus dramas pessoais. Porém, decidi em um primeiro momento restringir-me às imagens.

Modelo	Personagem
Carlos Sá	Régis
Diego	Bebê
Luís	Tito
Maira	Jennifer
Maria Eugênia	Maria Creusa
Valéria	Maria



Diego Guerra/Autorretrato/70x50cm/Acrilica sobre tela/2013

Etapa - 2

Nesta segunda etapa comecei alguns testes e reflexões para escolher como seriam feitas as pinturas: tipo de suporte, dimensões e materiais. Pretendia tirar proveito de minhas experiências feitas durante o curso, porém, buscando novas soluções plásticas. Decidi então utilizar tinta acrílica ou técnica mista de acrílica e óleo. A tinta acrílica é mais prática por secar mais rápido e não necessitar de solventes especiais ou tóxicos. Optei por esse material, não apenas por sua conjuntura química, mas também por sua visualidade, que me lembrava a das têmperas e do guache; tendendo geralmente a uma aparência plana e “industrializada”.

Tinha vontade de empregar esse tipo de tratamento nesta série por ser diferente do que já havia trabalhado antes e sabia que conseguiria resultados bem distintos de outros retratos. Alguns inclusive dos mesmos modelos escolhidos para esta série. Antes de tirar mais conclusões sobre como iria proceder nas pinturas, decidi experimentar o novo material com um estudo: este autorretrato pintado ao vivo.



Diego Guerra/Maria Eugênia (Estudo)/40,5x33cm/Acrilica e caneta Posca sobre tela/2014

Etapa - 3

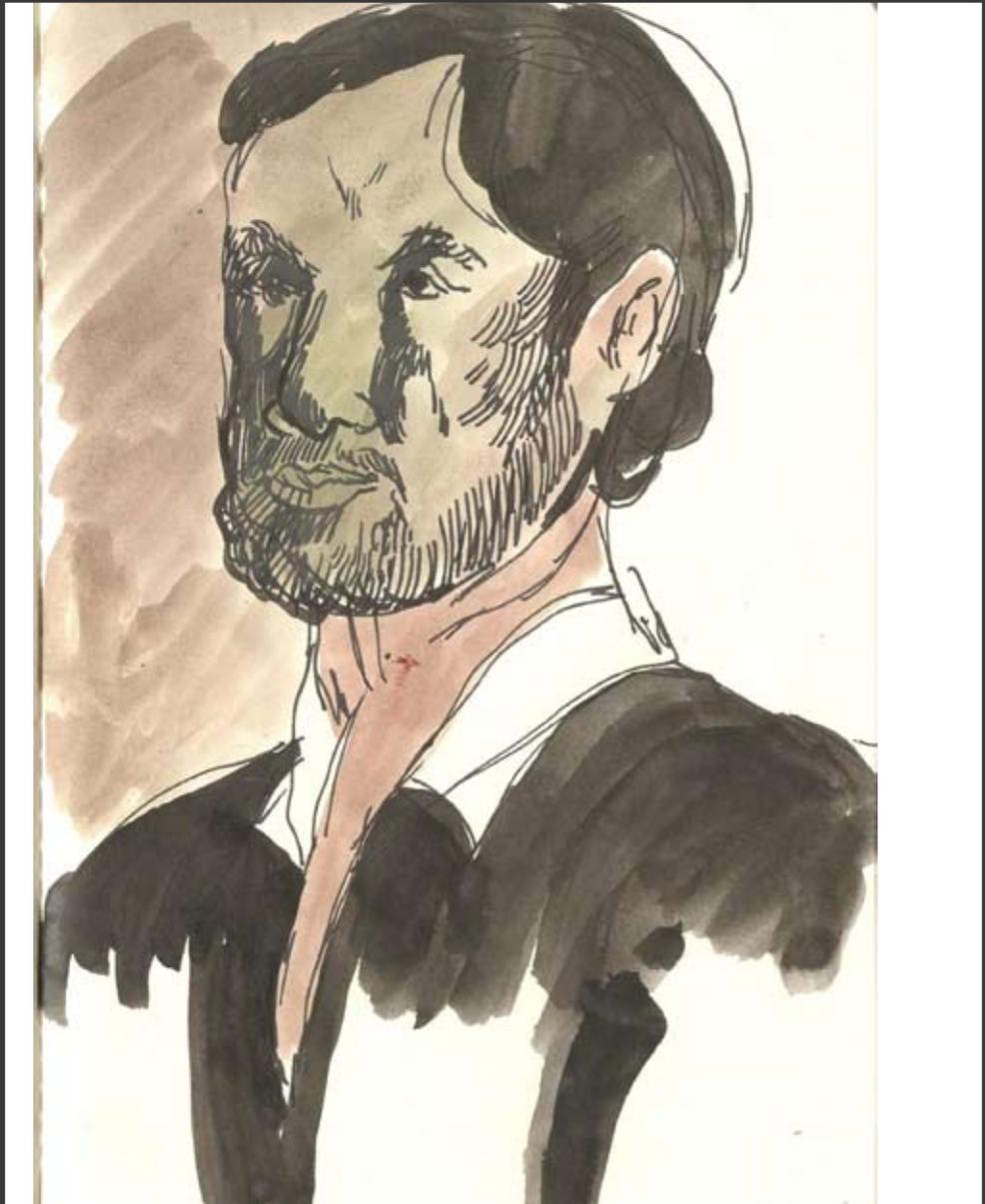
Já familiarizado com a técnica da tinta acrílica e com o suporte de tela de algodão, que também não utilizava com frequência, resolvi fazer mais um ensaio. Dessa vez, com a caneta Posca, de base acrílica; na tentativa de aproximar os desenhos de meu caderno ao meu trabalho de pintura. Este tipo de abordagem que busca unir manchas e linhas de maneira harmônica é sempre uma empreitada difícil. Custa alguns trabalhos, acertar o ponto correto, de forma que a linha não tome toda a atenção para si e torne-se indispensável à composição.



Feitos estes experimentos prévios, passei a estabelecer as diretrizes principais para o trabalho, criando um método e um processo de pintura:

Processo:

1. A tela deve ser preparada com um fundo de cor neutra ou quente: laranja; vermelho violáceo. Esta cor de base deve “respirar”, permeando toda a pintura ou parte dela.
2. Marcar o desenho com a caneta Posca baseado nos estudos de caderno e fotografias. O desenho deve se manter mais ou menos aparente à medida que a pintura avança.
3. Já com as misturas feitas na palheta e com uma quantidade grande de tinta, dar o primeiro tratamento de pintura, num movimento de clarear e escurecer simultâneo.
4. Por ultimo, voltar com alguns grafismos usando a caneta Posca. Acrescentar também recortes de maior contraste e veladuras.

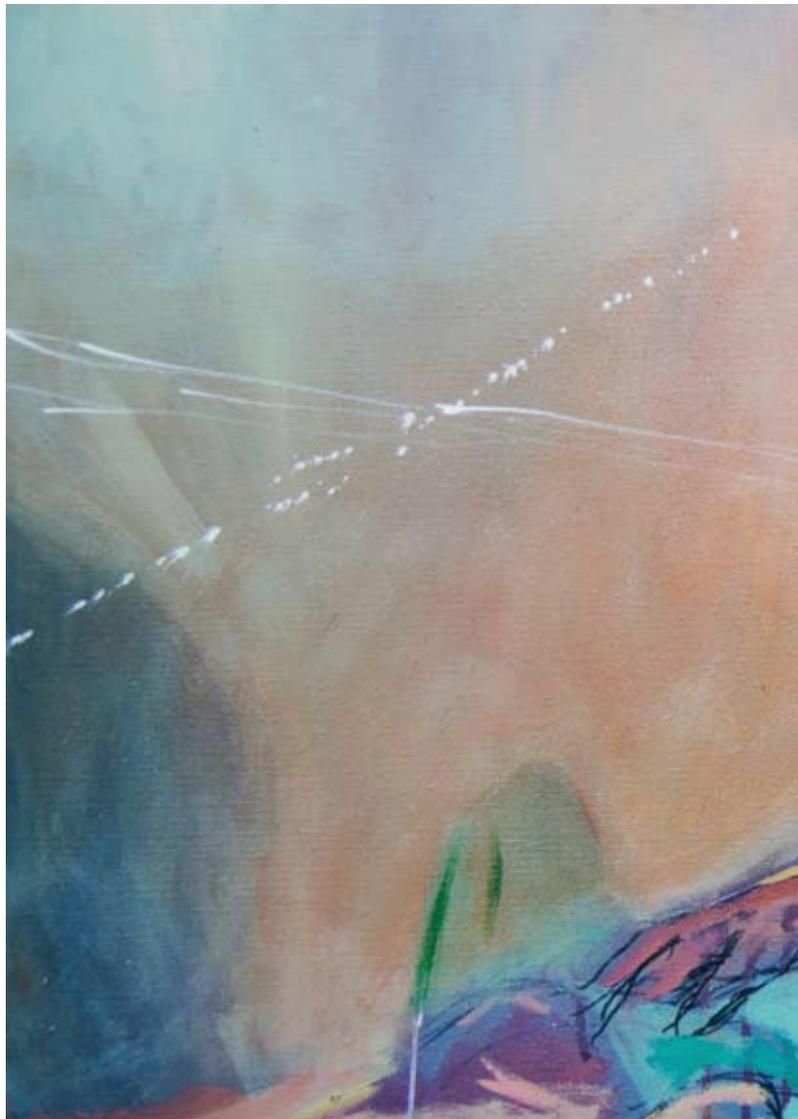




○ melhor modelo.
Todo o quadro permeado
por branco, ou seja,
harmonia dessaturada.



Ver Francis Bacon





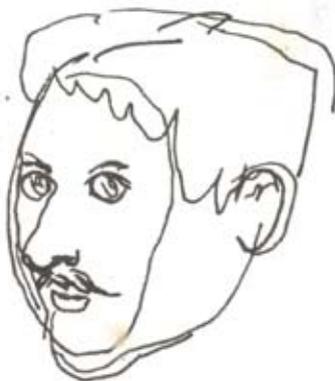
Diego Guerra/Seu Carlos/60x100cm/Acrílica, caneta Posca e óleo sobre tela/2014





Maria Eugênia

Grisalva. "A poeira
dessa casa é diferente."
Os aparelhos deixam de
funcionar e Todo dia
é uma luta contra a
morte seca que misteriosa -









Diego Guerra/Maria Eugênia/70x50cm/Acrílica e caneta Posca sobre tela/2014







Jennifer



Diego Guerra/Jennifer/70x50cm/Acrilica e caneta Posca sobre tela/2014



TRACAJE 21 de jun 98
COLUMBIAS,

Reclamo que alguien
haya perdido el
apartamento del 601 de
Luz y pidiere que
atendamos a quien
nos lo pide.
Quedamos con una
esperanza
Gracias
198 de Trujillo
198



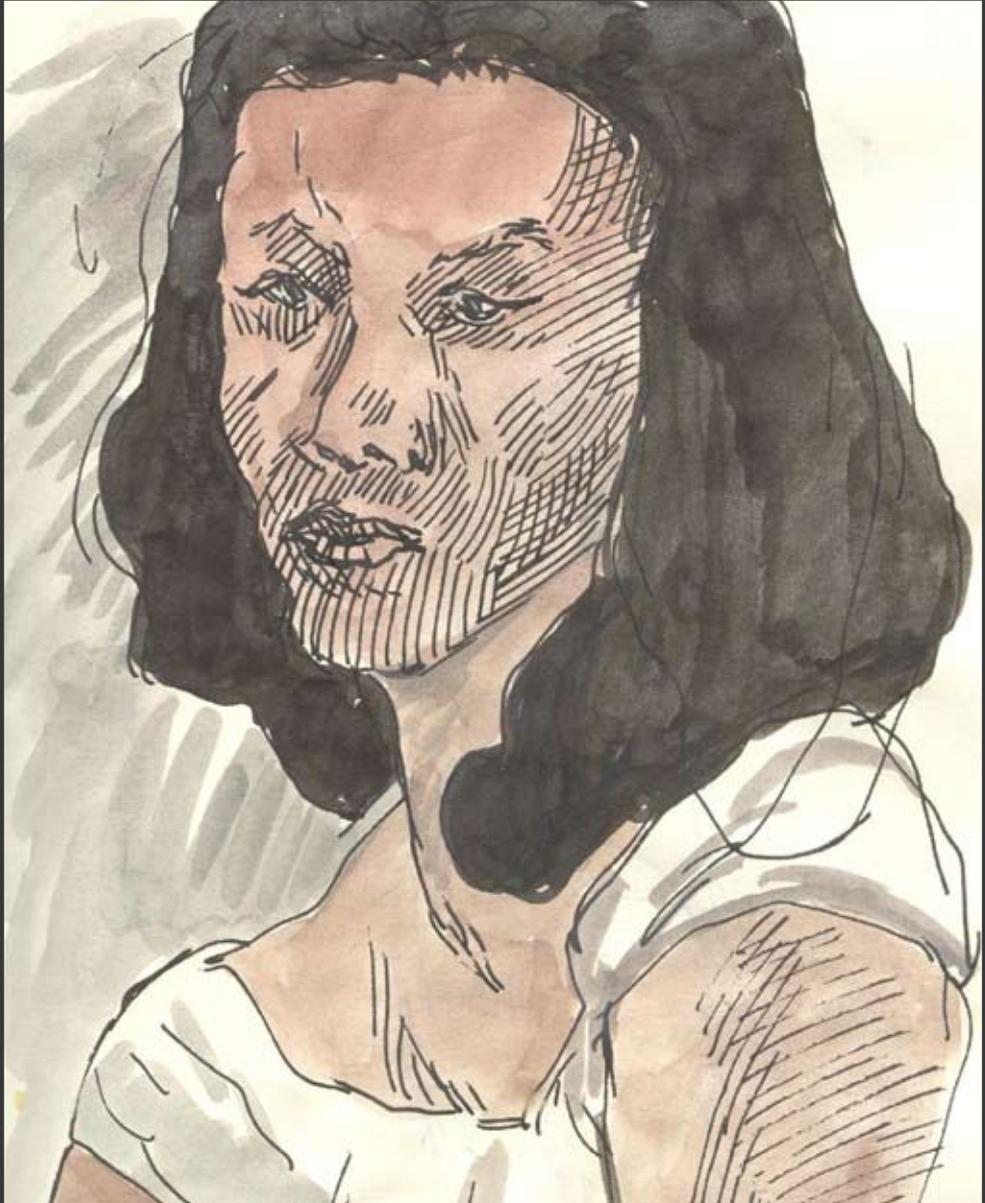


T. To

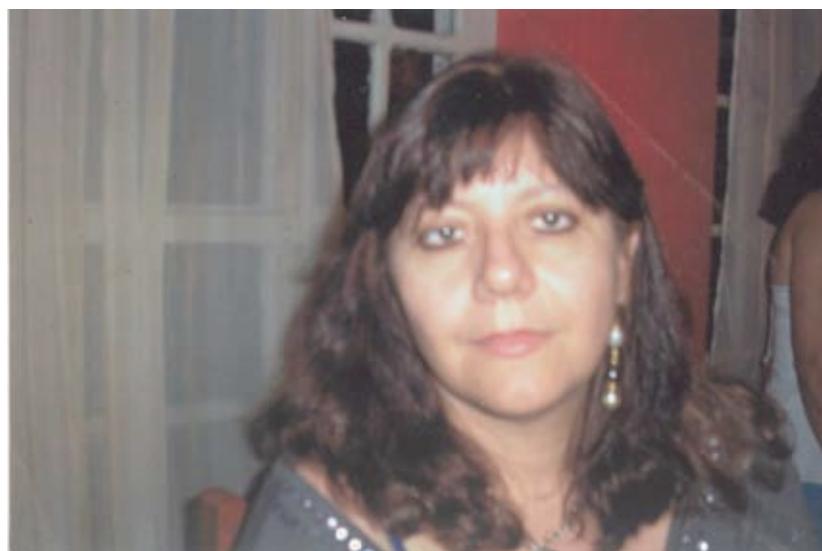




Diego Guerra/Tito/60x100cm/Acrilica e caneta Posca sobre tela/2014









Diego Guerra/Maria/110x60cm/Acrilica e caneta Posca sobre tela/2014





Posterior (Lateral)



6



Leia o Livro





Diego Guerra/Bebê Santo/100x40cm/
Acrílica e caneta Posca sobre tela/2014



Referências

Aqui estão registradas, referências e influencias para que a pesquisa fosse aprofundada em seu viés dramático, poético e visual. Para um trabalho que se propõe como multifacetado, optei por mostrar, além de pintores e teóricos, referências de várias linguagens artísticas, tais como cinema, quadrinhos e literatura.

Pintores



Alfonso Fraile

Escolhi este artista como principal referência para as pinturas a serem desenvolvidas por conta de sua plasticidade, pois sabe unir em suas pinturas fragmentos de desenhos, grafismos e manchas harmoniosamente, integrando estes elementos de forma coerente.



Lucian Freud

Lucian Freud não apenas me influenciou espontaneamente como suponho que tenha influenciado muitos pintores contemporâneos. Interessa-me a sua crueza ao tratar da figura humana, tanto no âmbito pictórico: palheta de cor e materialidade; como na maneira que penetra no caráter dos ambientes e pessoas que retrata.



Marcelo Grassman

É um daqueles desenhistas que consegue criar um universo particular em seus trabalhos, com suas próprias convenções simbólicas e através do maneirismo da forma. Sua atmosfera lúgubre, metafísica, e o fato de apresentar a figura humana como uma espécie de marionete me encorajou muito a experimentar novas formas de desenhar.



Liu Xiaodong

Apesar de voltar-se para uma atmosfera mais documental que lúdica, Liu Xiaodong apontou-me a importância de se observar a realidade que temos à nossa volta trazendo para a pintura um olhar mais fotográfico. Mostrou-me como cores berrantes e elementos cênicos, tidos normalmente como bregas, podem engendrar uma visualidade interessante ainda que por vezes “dissonante”.

Bibliografia

Bibliografia Teórica Básica:

Octavio Paz, El Arco y La Lira, México D.F. MEX, Lengua y Estudios Literarios, 1973

Rainer Maria Rilke, Cartas a um Jovem Poeta, A Canção de Amor e de Morte do Porta-Estandarte
Cristóvão Rilke, Porto Alegre, BR, Editora Globo. 1978.

Anne Cauquelin, Arte Contemporânea: Uma Introdução, São Paulo, BR, Martins Fontes, 2005.

Jacques Aumont, A Imagem, Campinas, BR, Papyrus, 1990

Sergei Eisenstein, O Sentido do Filme, Rio de Janeiro, BR, ZAHAR, 2002.

Will Eisner, Narrativas Gráficas: Princípios e Práticas da Lenda dos Quadrinhos, São Paulo, BR,
Devir Livraria, 2008.

Bibliografia Teórica Adicional:

Henri Bergson, La Risa, Madrid, ESP, SARPE, 1984.

Antonin Artaud, Manifesto do Teatro da crueldade, 1938

Clement Greenberg, Arte e Cultura, A Escultura e seu passado pictórico, São Paulo, BR, Cosac Naify,
2014

Ieda de Oliveira, O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil, Com a palavra o
Ilustrador, O que é uma imagem narrativa?, Cíça Fittipaldi, São Paulo, BR, DCL,2008

Dramaturgia:

Plínio Marcos, Melhor Teatro, São Paulo, BR, Global Editora, 2013.

Nelson Rodrigues, Teatro Completo de Nelson Rodrigues, volumes 1, 2 e 3, Rio de Janeiro, BR, Editora Nova Fronteira S.A.,1985.

Gianfrancesco Guarnieri, Eles Não Usam Black-Tie, Rio de Janeiro, BR, Editora Civilização Brasileira, 1985.

W. Shakespeare, Macbeth, Nº 115 Cadernos de Teatro, Rio de Janeiro, BR, O Tablado. 1987.

Literatura:

Juan Rulfo, Pedro Páramo y El Llano en Llamas, Barcelona, ES, Editorial Planeta, S.A.,1997.

Julio Cortazar, Bestiario, Buenos Aires, AR, Punto de Lectura, 2006.

Julio Cortazar, Todos los Fuegos el Fuego, Buenos Aires, Ar, Punto de Lectura,2007.

Adolfo Bioy Casares, La Invención de Morel, Literatura Contemporánea Seix Barral Nº 69, Barcelona, ES, Seix Barral, 1985.

Adolfo Bioy Casares, Una Muñeca Rusa, Barcelona, ES, Tusquets Editores, 1991.

Quadrinhos:

Lorenzo Mattotti e Claudio Piersanti, Estigmas, São Paulo, BR, Conrad Livros, 1999.

Kazuo Koike e Goseki Kojima, Lobo Solitário, Rio de Janeiro, BR, Panini Comics, 2001.

Katsuhiko Otomo, Akira, New York, USA, Kodansha Comics, 2010.

Suehiro Maruo, Ero-Guro: O Erótico-Grotesco de Suehiro Maruo, São Paulo, BR, Conrad Livros, 2005.

Will Eisner, Nova York: A Vida na Grande Cidade, São Paulo, BR, Quadrinhos Na Cia, 2013.

Carlos Trillo e Eduardo Risso, Bolita, Colección Relecturas, Buenos Aires, Ar, Historieteca editorial, 2013.

José Carlos Fernandes, A Pior Banda do Mundo, Portugal, PT, Devir Edições, 2002

Lourenço Mutarelli, Diomedes: A Trilogia do Acidente, São Paulo, BR, Quadrinhos Na Cia, 2012.

Filmografia

Tatuagem (2013)

Direção: Hilton Lacerda

Roteiro: Hilton Lacerda

A Febre do Rato (2011)

Direção: Cláudio Assis

Roteiro: Hilton Lacerda

A Festa da Menina Morta (2008)

Direção: Matheus Nachtergaele

Roteiro: Hilton Lacerda, Matheus Nachtergaele

Baixio das Bestas (2006)

Direção: Cláudio Assis

Roteiro: Hilton Lacerda

O Cheiro do Ralo (2006)

Direção: Heitor Dhalia

Roteiro: Marçal Aquino, Heitor Dhalia, Lourenço Mutarelli

Saam Gaang Yi (2004)

Direção:

Fruit Chan (segmento “Dumplings”)

Takashi Miike (segmento “Box”)

Chan-wook Park (segmento “Cut”)

Roteiro:

Haruko Fukushima (segmento “Box”)

Pik Wah Lee (segmento “Dumplings”)

Chan-wook Park (segmento “Cut”)

Bun Saikou (segmento “Box”)

Bobby White (Legendas)

Amarelo Manga (2002)

Direção: Cláudio Assis

Roteiro: Hilton Lacerda

Barrela: Escola de Crimes (1990)

Direção: Marco Antonio Cury

Roteiro: Adaptado da peça de Plínio Marcos

Eu Matei Lúcio Fávio (1979)

Direção: Antônio Calmon

Roteiro: Alberto Magno, Leopoldo Serran

A Navalha na Carne (1969)

Direção: Braz Chediak

Roteiro: Braz Chediak, Fernando Ferreira,

Emiliano Queiroz, adaptado da peça de Plínio Marcos

O Bôca de Ouro (1963)

Direção: Nelson Pereira dos Santos

Roteiro: Nelson Pereira dos Santos, adaptado da peça de Nelson Rodrigues

Cinco Vezes Favela (1962)

Direção:

Miguel Borges	(segmento “Zé da cachorra”)
Joaquim Pedro de Andrade	(segmento “Couro de Gato”)
Carlos Diegues	(segmento “Escola de Samba Alegria de Viver”)
Marcos Farias	(segmento “Um favelado”)
Leon Hirszman	(segmento “Pedreira de São Diego”)

Roteiro:

Miguel Borges	(segmento “Zé da cachorra”)
Carlos Diegues	(segmento “Escola de Samba Alegria de Viver”)
Carlos Estevão	(segmento “Escola de Samba Alegria de Viver”)
Marcos Farias	(segmento “Um Favelado”)
Leon Hirszman	(segmento “Pedreira de São Diego”)
Flávio Migliaccio	(segmento “Pedreira de São Diego”)
Joaquim Pedro de Andrade	(segmento “Couro de Gato”)
Domingos de Oliveira	(segment “Couro de Gato”)



Considerações Finais

Ao concluir este trabalho observei na prática como funcionam estes processos sutis de desdobramento entre texto e imagem, e está claro que cada uma dessas abordagens possui particularidades técnicas e semelhanças em essência. Para citar Octavio Paz em seu *El Arco y La Lyra*: (...) Una tela, una escultura, una danza son a su manera, poemas. Y esa manera no es muy distinta a la del poema hecho de palabras. La diversidad de las artes no impide su unidad. Más bien la subraya. (...) A colisão entre diferentes artes ao invés de impedir sua unidade, reforça a unidade de cada uma, e acredito que aventurar-se em outras áreas artísticas de fato nos faz compreender melhor a todas em seu caráter uno.

No entanto, o real desafio de trabalhar com a multidisciplinaridade em artes é evitar perder-se em uma linguagem em detrimento de outra. Álbum de Família foi certamente uma aventura perigosa para mim, quanto mais me envolvi com o texto e seu elemento dramático, acabei me afastando da pintura.

Com o processo descobri que o mais importante para o futuro do projeto, ou de outros que possam vir a partir deste, é ter um foco muito claro e adotar uma linguagem artística como tônica. As outras a serem agregadas servirão como notas de apoio para que o acorde soe com toda a sua força.

Pretendo seguir com este projeto adotando meios como o da animação; vídeo arte; e fotografia. Ainda tendo como base os personagens da família. Quanto a pintura, creio que superei algumas limitações que tinha, trabalhando a partir de fotografias; criando composições; mesclando técnicas, etc. Experimentar implica em alguns fracassos, mas abre caminho para novas descobertas.

Índice

Introdução	5
História	7
Primeiras Imagens	45
Desenvolvimeto	71
Referências	111
Considerações Finais	123

Álbum de Família